

O SIGNIFICADO DE GOYA

ELZA ACCORSI

A técnica impressionista, nos fins do século XIX, contribuiu para um novo significado do conceito de pintura: pela primeira vez o artista saía de seu atelier, para pintar frente à natureza e interpretá-la à sua maneira, preocupando-se tão somente com o modelo, naquilo que ele tem de aparência sob a ação deformadora da luz. O quadro tornava-se assim uma sinfonia de cores e o desenho, como determinante da forma, diluía-se.

Podemos mesmo dizer, que o Impressionismo é a última etapa do Romantismo na pintura, ou ainda, o Impressionismo é o Romantismo levado, — quanto à forma —, ao máximo de abstração. Essa abstração se explica pela própria técnica impressionista: são abandonados os padrões neoclássicos: são excluídos os negros, os cinzas, as terras, preferindo-se os vermelhos, amarelos, azuis, verdes, violetas, laranjas. A pincelada se fragmenta; constantemente as cores são empregadas segundo a técnica da mistura ótica: duas cores puras são justapostas na tela — e não misturadas pigmentariamente na paleta —, e é o olho do espectador que recompõe então a cor desejada pelo pintor. Assim um violeta, por exemplo, será sugerido por pequenos toques justapostos de vermelho e de azul. A perspectiva não é mais baseada nas regras da geometria, mas é realizada do primeiro plano para a linha do horizonte, pela degradação das tintas e dos tons, que marca assim o espaço e o volume. A partir de então estavam abertos os caminhos de onde se desenvolveriam as correntes contemporâneas de arte.

O Expressionismo, tecnicamente decorrente de Van Gogh, surge como uma necessidade de expressão das angústias, das incertezas, dos tormentos e das aflições do artista, sentimentos estes que transbordam do mais profundo do seu ser; é a «interpretação do mundo através das sensações». Não existe conseqüentemente uma técnica específica expressionista, mas cada pintor procurará a que melhor convier às exigências do seu mundo particular, subjetivo, dramático.

No século XX, as correntes se diversificam ainda mais e tendem, por caminhos diferentes, ao abstracionismo. A abstração não é, porém, característica ou fenômeno contemporâneo; toda arte é abstração, pois o artista exprime por símbolos próprios as imagens que percebe da realidade existencial. Apenas, no século XX, as formas da pintura abstrata não terão relação com a realidade exterior; o artista se liberta do natural, para transmitir seu mundo subjetivo; abandona o tema para buscar a essência.

Este rápido esboço nos coloca frente a uma problemática complexa, onde os caminhos da arte se tornam difíceis de serem previstos. Entretanto, se o futuro da arte contemporânea é imprevisível, podemos ir buscar, sem muito esforço, suas origens.

É evidente que as origens próximas da arte contemporânea repousam no Impressionismo; éste, por sua vez, tem também suas origens, próximas e remotas.

Remotamente, liga-se ainda a todos os pintores que, através da história da arte, deram mais importância à côr, libertando mais e mais a pincelada solta, e buscando cada vez mais tons límpidos e puros. E citamos os pintores da escola veneziana com Giorgioni (1477-1510), Tiziano (1485-1576) e Tintoretto (1518-1594); os ingleses Constable (1776-1837) e Turner (1775-1851); na França, Poussin (1594-1665), Chardin (1699-1779) e Fragonard (1732-1806); em Flandres, Rubens (1577-1640), Rembrandt (1606-1669); na Espanha, El Greco (1541-1614), Velázquez (1599-1660) e Goya (1745-1828).

Muitos outros poderiam ser citados. Separemos, porém GOYA.

Qual a importância da sua pintura?

Deixemos de lado seus dados biográficos, bastante conhecidos, ainda mais fantasiados.

Importa lembrar que na época de Goya agonizava o Rococó, eclodia o Neoclassicismo. A escola nascente dominava a Espanha e se caracterizava, essencialmente, pelo convencionalismo limitador da liberdade de expressão e criação artística, pois seu ideal é a volta à Antiguidade clássica e, por extensão, ao Renascimento. Talvez seja éste o mais triste drama na História das Artes: o aparecimento de uma arte fria, despida de qualquer originalidade e mesmo de sensibilidade, deslocada de seu contexto histórico e social, pagando caro tributo de sua mediocridade: a servidão a uma época morta.

O Neoclassicismo não afetou a obra de Goya e muito menos a influenciou. Desde cedo segue o pintor um caminho próprio, com fundas raízes no solo, na alma ibérica, e seu gênio, no mundo medíocre de então, paira solitário.

Embora não sofrendo influência neoclássica, a escola à qual sempre se opôs, na primeira metade de sua vida Goya foi apenas um pintor talentoso, filho ainda do século XVIII, sofrendo influências italianas e, particularmente, de Velázquez.

A partir de 1793, após uma grave doença, que resulta em completa surdez, modifica-se-lhe pouco a pouco o caráter e as disposições de ânimo, e Goya adquire uma nova força de expressão. Sua pintura se transforma; e é a partir desse momento que Goya passará a ser ponto de referência para a pintura que se segue, abrindo os caminhos que determinariam as transformações dos séculos seguintes, desde o Romantismo até o Abstracionismo contemporâneo, passando pelo realismo, impressionismo, expressionismo e o surrealismo.

Surgem as águas-fortes dos «Caprichos», dos «Desastres da Guerra», visões humanas de significado profundo, satíricas algumas, dramáticas e angustiadas outras, retratando com funda simpatia sempre e solidariedade humana, todo o viver, amar e sofrer de seu povo, e particularmente do seu próprio sentir, agora numa dimensão nova, em vertical ibérica.

Vêm o quadro da Família de Carlos IV, crítica viva sublinhada pela nota caricaturesca, a irmaná-lo com Quevedo, em seu tempo; os afrescos, pululantes de vida, de «San Antonio de la Florida»; a série fantasmagórica, impressionante das «Pinturas Negras», da «Quinta del Sordo».

Mais do que o grande documentarista que foi, não só nos aspectos sociais de sua obra, como também psicológico de seus retratos, a pintura de Goya se impõe como uma renovação em toda a arte de pintar.

Cada dia é mais êle próprio, muito mais distante do século XVIII, que deixa para trás. É indiscutivelmente, um solitário. Criador, inovador em todos os sentidos, diferente de tudo quanto até então se havia feito, sua pintura é guiada apenas pela intuição de seu gênio vigoroso, ao expressar com «símbolos próprios», os «símbolos primordiais» da Alma ibérica, para usar a linguagem ilucidadora de Oswald Spengler, na sua «Decadência do Ocidente».

A pincelada se liberta e vigorosamente estrutura a pintura; capta somente o essencial, valorizando o ritmo da composição. A cor surge luminosa, em surpreendentes efeitos. Lembremos os citados afrescos de «San Antonio de la Florida», em Madrid: êles surpreendem não somente pela unidade de desenho e composição mas principalmente pelo emprêgo livre da cor, pela extraordinária liberdade de técnica; alia, ao valor da pintura, o valor da documentação, valor que Renata Negri ressalta muito bem, em sua «Monografia sobre Goya», escrita para a «Pinacoteca de los Genios», da Ed. Codex S.A., quando diz: «... en torno al milagro del Santo se congregan en masa, detrás de una banderilla fingida, las mil figuras de la multitud cotidiana madrileña: majas, mendigos, chiquillos, niñas, cada cual en su actitud más típica e espontánea.»

Na famosa série das «Pinturas Negras», as cores violentas, os negros densos, a liberdade total da técnica, as cenas monstruosas, horripilantes, projetam a inquietude de seu mundo interior desconforme, e que vem do inconsciente. Nunca até então ninguém ousara chegar a tanto; se encontramos, na História da Arte, pintores que se expressaram através de temas teóricos ou fantásticos, nenhum, até Goya, chegara a tal desenvoltura técnica: já se manifestava o próprio Expressionismo, bem anterior a Van Gogh! Uniu a uma técnica própria, — de desenho ousado e abstrato em muitos sentidos, de tons densos e terrosos —, toda a perspicácia de sua observação aguda, quevedesca ou cervantina, e toda a profundidade de seu intenso sentir. Técnica e tema se completam — como tantas outras vezes no solo ibérico, sempre que seus filhos bem dotados se mantiveram fiéis a si mesmos, fiéis aos seus signos ancestrais —, e ambos dão à obra um sentido de grandeza até então desconhecidos, na pintura.

Estavam abertos os caminhos da pintura contemporânea: desde a pesquisa da cor, explorada logo depois pelos impressionistas, até as mais variadas formas de abstração.